

## **Sistema agroflorestal sucessional como estilo produtivo para agricultura familiar em território de identidade rural, em Sergipe, Brasil**

Agroforestry system production style to agriculture familiar territory Sergipe, Brazil

FONTES, Marília Andrade<sup>1</sup>; RIBEIRO, Genésio Tâmara<sup>2</sup>; SIQUEIRA, Edmar Ramos de<sup>3</sup>; SIQUEIRA, Pedro Zucon Ramos de<sup>4</sup>; RABANAL, Jorge Enrique Montalvan<sup>5</sup>

1Pesquisadora colaboradora do LABERUR- UFS e Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju/SE, Brasil, marilia\_fontes@yahoo.com.br; 2 Professor Adjunto da UFS – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju/SE, Brasil, genesiotr@hotmail.com; 3 Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju/SE, Brasil, edmar.siqueira@embrapa.br; 4 Mestrando em Meio Ambiente e Desenvolvimento - UFS, Aracaju/SE, Brasil, pedrozucn@gmail.com; 5 Mestrando em Geografia Agrária - UFS e Pesquisador colaborador do LABERUR - UFS, Aracaju/SE, Brasil, rabanal80@gmail.com

---

**RESUMO:** A agroecologia é a ciência que norteia os princípios capazes de implantar uma nova base de desenvolvimento rural sustentável, sendo essa, suporte à transição de estilos de agricultura de base ecológica. Nesse contexto, a agrofloresta sucessional se consolidou em diversos locais no Brasil e no mundo, como alternativa de estilo produtivo capaz de produzir alimento, energia, fibra e madeira. Além disso, potencializa o uso dos recursos por meio de um arranjo temporal e espacial gerados durante a sucessão natural, e dessa forma, permite um aumento da produção total. Esse estudo buscou elucidar a adoção das agroflorestas sucessionais como estilo produtivo na agricultura familiar do território Sul sergipano. Para isso, foram realizadas, por meio da técnica de questionário semi-estruturado e caminhada guiada, visitas e entrevistas para avaliar a percepção de agricultores quanto a esse estilo de produção e os entraves para sua adoção. O estudo foi realizado com seis agricultores pertencentes a quatro comunidades do território, indicados pelo colegiado territorial por participarem de oficinas e espaços para construção de uma agricultura de base ecológica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agrofloresta, agroecologia, agricultura de base ecológica.

**ABSTRACT:** Agroecology is the science that guides the principles able to deploy a new basis for sustainable rural development by supporting the transition of styles from basic ecological agriculture. In this context, agroforestry succession was consolidated at various locations in Brazil and abroad, as an alternative style to produce food, energy and wood fiber, maximizing use of resources through a temporal and spatial arrangement generated during the natural succession, and thus allowing an increase in total output. This study intended to elucidate the adoption of successional agroforestry in family agriculture production style of the South Territory of Sergipe. To this it was accomplished through the technique of semi-structured questionnaire and guided walk, visits and interviews to assess the perception of farmers on this style of production and barriers for adoption. The study was conducted in four communities of the area with six farmers, indicated by the body of the territory by participating in workshops and spaces for building an ecologically-based agriculture.

**KEY WORDS:** Agroforestry, agroecology, ecological agriculture.

## **Introdução**

Estudos realizados pelo Governo Federal diagnosticaram que existem 1555 municípios no País com renda deprimida, ou seja, com baixo potencial de desenvolvimento endógeno. No caso do Nordeste Brasileiro essa realidade é conseqüência, principalmente, do esgotamento dos recursos naturais. Portanto, apesar da amplitude, complexidade e dos vários componentes do desenvolvimento, o mesmo não pode prescindir da recuperação da base de recursos naturais que é a matéria prima capaz de gerar renda e assim promover o desenvolvimento rural sustentável.

O esgotamento dos recursos naturais na região, também é conseqüência do modelo de desenvolvimento introduzido pela revolução verde, que substituiu áreas de grande diversidade biológica por cultivos homogêneos, extremamente simples em diversidade genética (pastagem e monocultivos), além da intensificação do uso de insumos químicos e da mecanização. Em decorrência desse processo nota-se crescentes danos ambientais e o aumento das diferenças sócio-econômicas no meio rural.

O legado deixado por esse modelo de agricultura afetou diretamente os centros urbanos, e colocou em risco os ecossistemas, o modo e a qualidade de vida da sociedade, além de criar dificuldades para a geração de renda das populações.

O redesenho de agroecossistemas e o estabelecimento de agriculturas sustentáveis, com inclusão social, é algo que exige um enfoque sistêmico e uma visão holística, ou seja, é necessário lidar com a complexidade dos processos de desenvolvimento (CAPORAL, 2001).

Na agricultura, isto se manifesta pela necessidade de complexificar os sistemas agrícolas, introduzindo biodiversidade e manejando as relações entre solos, plantas e animais ao invés de simplificá-los, como no modelo da Revolução Verde. Além disso, trata-se, também, de entender não apenas a diversidade dos agroecossistemas,

mas as relações dos indivíduos com o meio ambiente (CAPORAL e COSTABEBER, 2007).

Segundo Caporal (2007), a Agroecologia é capaz de realizar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencional, para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis. Isso ocorre por ela ser uma ciência que através de seus princípios e conceitos, é capaz de gerar metodologias para a superação do modelo da revolução verde, por meio do resgate, valorização e novas formas de se fazer agricultura.

Um exemplo já consolidado das práticas agroecológicas são os sistemas agroflorestais sucessionais ou agrofloresta sucessional (SAF), que têm na teoria da sucessão, os alicerces da sua prática. Os SAF's, segundo seu idealizador Gotsch (1995a, 1995b), transcendem a noção de "pacotes produtivistas" e postulam a sustentabilidade por meio dos conhecimentos locais e do redesenho dos agroecossistemas adaptados para o potencial ecológico do lugar.

Nesse contexto, o objetivo geral do presente artigo é pesquisar a adoção de sistemas agroflorestais sucessionais, como estilo produtivo, na agricultura familiar do território Sul Sergipano. E, como objetivos específicos, pretende identificar e discutir as experiências de adoção destes sistemas na agricultura familiar do território Sul Sergipano.

## **Material e métodos**

O estudo foi realizado no território Sul Sergipano, composto por 12 municípios. Segundo Gomes et al., 2010, o território Sul Sergipano apresenta seis unidades de paisagens, fato que explica a diversidade de solos do território, que tem os argissolos como a classe de maior ocorrência, abrangendo 48,6% da área total.

O atual levantamento de aptidão agrícola dos solos da área de interesse constatou que as classes de aptidão agrícola Restrita e Inapta somadas representam 3.828,1 km<sup>2</sup>, ou 67% do território. Isso justifica a necessidade da

construção de um estilo produtivo de base ecológica, que seja capaz de produzir alimentos, fibras, energia, e biomassa revitalizando e respeitando as limitações pedológicas da região.

Quanto a vegetação, a região está inserida no bioma Mata Atlântica, que abrange formações florestais distintas ao longo da costa brasileira, do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul. As tipologias florestais mais freqüentes estão associadas aos ecossistemas costeiros de Mangues e Restingas e ainda as matas de encostas e matas de altitude, representadas principalmente pela Floresta Ombrófila Densa e pela Floresta Estacional Semidecidual (SIQUEIRA, 2005).

Para a realização da pesquisa qualitativa sobre adoção do sistema agroflorestal sucessional como estilo produtivo para agricultura familiar no território de identidade rural Sul Sergipano, identificou-se, junto ao colegiado territorial, os sujeitos da pesquisa. Trata-se de agricultores pertencentes a uma rede do próprio colegiado, denominada Rede Social de Aprendizado.

Esta rede é composta por 15 agricultores que discutem, praticam e experimentam alternativas de práticas agrícolas de base ecológica, adequadas a realidade local.

Deste grupo de agricultores identificados foram selecionados para entrevista seis agricultores, pertencentes a quatro comunidades do território: assentamento Paulo Freire II, assentamento Rosa Luxemburgo, localizados no município de Estância, assentamento 27 de abril, localizado no município de Tomar do Geru e povoado Mocambo, localizado no município de Santa Luzia do Itanhy. Os dados, dessa pesquisa, foram coletados a partir de uma amostra intencional, não probabilística.

Após as entrevistas, foram realizadas caminhadas guiadas nas propriedades dos agricultores que adotaram os sistemas agroflorestais sucessionais. Essa

técnica/ferramenta permite que o levantamento em campo seja realizado de forma que o agricultor guie aos locais que na sua percepção são de maior importância e dessa forma, explique as técnicas aplicadas e resultados obtidos.

## Resultados

Os resultados da entrevista e da caminhada guiada confirmam que a agrofloresta sucessional é um estilo produtivo que se adequa a realidade da agricultura familiar no território Sul Sergipano. É um sistema produtivo que foi capaz de responder as expectativas dos agricultores em relação as dificuldades e aos desafios impostos à agricultura nessa região, que possui solos de baixa fertilidade, áreas degradadas, baixa produtividade e escassa cobertura florestal.

A caminhada guiada permitiu conhecer as espécies que compõem os sistemas agrícolas dos agricultores entrevistados (Tabela 1) e o estilo produtivo desses agricultores, em relação à adoção das agroflorestas (Tabela 2).

Percebeu-se que os sistemas agrícolas desses agricultores familiares possuem na diversidade de culturas a estratégia produtiva. Dessa forma, contribuem para a sustentabilidade da prática agrícola, garantem a segurança alimentar da família e possuem vantagens em relação a comercialização, seja nos mercados institucionais ou mesmo nas feiras livres municipais.

Cinco dos seis agricultores entrevistados adotam o SAF, sendo que quatro o utilizam como estilo produtivo e um dos agricultores utiliza o SAF sucessional como estratégia de recuperação de áreas degradadas. Segundo Siqueira (2011), tais práticas apresentam potencial para recuperação de áreas nessa região dos tabuleiros costeiros.

A adoção dos SAF's é muito recente no estilo produtivo desses agricultores, sendo as mais antigas datadas de dois anos. Os princípios

Tabela 1: Espécies cultivadas pelos agricultores familiares entrevistados, na região do território Sul Sergipano, em 2011.

Agricultor	Espécies Cultivadas
Agricultor A	Macaxeira, milho, feijão, batata-doce, laranja, goiaba, manga, caju, serigueta, acerola, coco, jaca, banana, limão, genipapo e hortaliças (coentro, couve, quiabo, alface, cebolinha e pimenta).
Agricultor B	Milho, macaxeira, feijão, fava, amendoim, inhame, feijão guandu, mucuna preta, feijão de porco, laranja, acerola, caju, jaca, manga, coco, banana, limão, tangerina, hortaliças (tomate, coentro, quiabo, couve), capim de corte, cana, leucena, biriba, canafistula, camboatá, guapuruvu, jatobá e nin.
Agricultor C	Milho, feijão, abóbora, macaxeira, batata-doce, inhame, feijão guandu, feijão de porco, mucuna preta, laranja, caju, manga, pitanga, cajá, açaí, hortaliças (couve, quiabo, alface, abobrinha, pimenta de carne, tomate, coentro e medicinais) capim de corte, braquiária, biriba, sombreiro mexicano, canafistula e pau d'arco.
Agricultor D	Macaxeira, milho, feijão, feijão de porco, mucuna preta, feijão guandu laranja, pitanga, acerola, araçá, banana, mamão, sirigueta, maracujá, manga, jaca, abacate, jenipapo, umbu, cacau, pinha, graviola, capim elefante, braquiária, sabiá, jurema, olcuri, jojoba, pau-d'arco e pinhão branco.
Agricultor E	Mandioca, macaxeira, açaí, cajá, abacaxi, hortaliças (alface, quiabo, couve, coentro, pimenta, abobrinha, tomate e pimentão), capim e acácia,
Agricultor F	Macaxeira, inhame, milho, feijão guandu, feijão de porco, acerola, caju, mamão, manga, banana, jenipapo, jaca, maracujá, hortaliças (couve, coentro, pimentão, alface) capim de corte, cana para ração, leucena, sabiá, mamona.

comumente encontrados nas experiências dos agricultores foram a cobertura de solo, diversificação de espécies e uso de plantas perenes associadas a espécies herbáceas e agrícolas.

Nas entrevistas com aqueles produtores que adotaram o SAF sucessional ficou nítido seu

caráter experimental. Todavia pode-se observar a confiança depositada na condução, na incorporação de princípios e nos resultados já obtidos. Alguns comentários dos agricultores entrevistados são a seguir reproduzidos, evidenciando essa tendência.

Tabela 2: Estilo produtivo dos agricultores familiares entrevistados, na região do território Sul Sergipano, em 2011.

Agricultor	Uso das Agroflorestas Sucessionais	Outros estilos produtivos
Agricultor A	Não adotou Sistema Agroflorestal Sucessional.	As espécies são separadas em mosaicos. Utiliza consórcio entre feijão e milho. Não usa defensivos. É um produtor orgânico.
Agricultor B	Adotou o Sistema Agroflorestal Sucessional como estilo produtivo em toda sua área. Começou a 2 anos, em uma área de 20X10m, e aos poucos ampliou para 7,5ha. Planta em berços de 40x40x75cm, aduba com compostagem que ele mesmo faz (esterco e restos vegetais) e distribui o coquetel de sementes (das mais variadas que possui). Nos berços também planta a macaxeira o milho, o feijão, e sementes de verduras. Em alguns locais ele planta mudas de coqueiro ou bananeira.	O quintal produtivo, área de três tarfas, já havia sido implantado antes de adotar o SAF Sucessional. Agora ele insere espécies para ocupar estratos diferentes da que já existem, a idéia é transformar o pomar existente em SAF.
Agricultor C	Adotou o Sistema Agroflorestal Sucessional com objetivo de recuperar áreas degradadas, na mata ciliar de sua propriedade.	No quintal produtivo produz da forma orgânica. Faz consórcios entre milho e feijão, as demais espécies são separadas em pequenos mosaicos. Nas demais áreas planta laranja e pasto no estilo convencional, com uso de defensivos agrícolas.
Agricultor D	Adotou o Sistema Agroflorestal Sucessional como estilo produtivo em seu quintal produtivo. O SAF sucessional é plantado em ilhas, enriquecendo a vegetação do local que predomina o capim braquiária. Nas ilhas prepara a terra e coloca o coquetel. Não a dispensa de sementes. As ilhas são cobertas com capim moído e em alguns momentos faz o enriquecimento com mudas de espécies frutíferas.	Na outra área, que utiliza para agricultura, planta apenas macaxeira, no estilo convencional. Usa herbicida.
Agricultor E	Adotou o Sistema Agroflorestal Sucessional como estilo produtivo se envolvendo na instalação e manejo de um experimento em seu lote junto com pesquisadores da EMBRAPA.	Nas demais áreas planta no estilo convencional, com a separação das espécies em mosaicos. Não utiliza defensivos.
Agricultor F	Adotou o Sistema Agroflorestal Sucessional como estilo produtivo. Possui três áreas com SAF que foram instaladas de formas diferentes. Na primeira (2 anos) fez o berço (50x50x50cm), plantou a macaxeira, o milho, o feijão e o coquetel. A segunda área foi instalada espalhando o coquetel em sulcos e plantando a macaxeira, o milho e o feijão no espaçamento usual. Na terceira área, um plantio de maracujá, colocou o coquetel no berço que abre para o maracujá.	Utiliza o sistema PAIS <sup>1</sup> para a produção de hortaliças, mas inseriu nele os princípios do SAF nos piquetes para as galinhas.

1 O sistema PAIS - Produção Agroecológica Integrada e Sustentável é uma técnica de produção que integra as diversas atividades existentes na propriedade. Essa tecnologia ganhou o prêmio da fundação Banco do Brasil de incentivo a tecnologia social e hoje é difundida pelo SEBRAE. Consiste em círculos crescentes, onde ao centro se faz a criação de galinhas e nos demais é plantado as hortaliças. A inovação desse agricultor foi ter aliado ao PAIS os Sistemas Agroflorestais Sucessionais, além de ter feito piquetes para as galinhas pastarem, também utilizando os SAF's.

*“O meu sonho é implantar na área toda, tá no planejamento, mas tenho que fazer aos poucos, pelo meu tempo para dedicar a roça e também por ter dificuldade de conseguir semente e muda”.* Agricultor D.

*“Se Deus quiser vou conseguir fazer um safizinho, no meu lote todo”.* Agricultor E.

*“Implantei meu primeiro safizinho pela rede, na proposta do território”... “no início é difícil de acreditar nesse plantio, tudo misturado e ao mesmo tempo. É só o resultado que mostra”... “Agora eu to preparando tudo para plantar o lote grande inteiro com SAF”.* Agricultor F.

*“É a saída para a agricultura familiar, mesmo quando se retira algum produto do roçado no futuro terá mais coisas para colher, por isso roça do futuro, sempre tem mais coisas, não acaba”.* Agricultor B.

Durante a pesquisa realizada foi possível perceber que o pertencimento e a compreensão da agrofloresta advém da prática do agricultor, que através dos princípios da agrofloresta experimentam também outra forma de produzir e existir. Esses princípios são incorporados a medida que o sistema é manejado, e isso só é possível por meio da observação da natureza. Aproximando a natureza ao seu sistema produtivo, coexistindo com ela e aprendendo com a prática, instaura-se um processo libertador de reflexão-ação. Quanto mais ação prática, mais é necessária a reflexão, e quanto mais reflexão, maior o domínio da prática.

Observa-se também a construção de uma relação homem-meio natural diferenciada, ou seja, uma mudança de paradigma de extrema exploração, apropriação e dilapidação para uma relação mais harmônica de cuidado, respeito e mutualismo na qual homem e natureza se

interagem, cooperam e se beneficiam mutuamente.

Os agricultores ainda apontaram os seguintes entraves e barreiras encontradas para a adoção do SAF: i) falta de experiência com a agricultura de base ecológica, falta de divulgação de experiências bem sucedidas e acesso ao conhecimento para implantar o Sistema Agroflorestal Sucessional; ii) aquisição de sementes diversificadas, existentes, mas não freqüentes na região (ex: açai, pupunha, cacau e cajá); iii) incentivo, tanto financeiro (créditos apropriados), quanto apoio de órgãos e instituições de pesquisa e extensão; iv) assistência técnica inadequada.

O primeiro entrave, recorrente nas citações dos agricultores, ou seja, a falta de experiência com a agricultura de base ecológica, é derivado do fato de que a socialização do SAF é muito recente nessa região. Cinco, dos seis agricultores entrevistados tiveram seu primeiro contato com a agrofloresta por meio do projeto, de 2009, do território Sul Sergipano “Articulação para a geração e transferência de tecnologias, produtos e serviços, de base ecológica, para o desenvolvimento endógeno do território Centro-Sul de Sergipe” liderado pela Embrapa Tabuleiros Costeiros e co-financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Outros aspectos obtidos nas entrevistas, referentes a falta de experiência, de acesso ao conhecimento da agricultura de base ecológica e de divulgação de experiências exitosas, apontam para construções e caminhos possíveis no sentido de ampliar a adoção, a construção do conhecimento e socialização dos sistemas agroflorestais sucessionais.

Foi possível perceber, em vários momentos nas falas dos agricultores, que a visualização de experiências exitosas e resultados delas são essenciais para a adoção dos princípios e técnicas de base ecológica. Assim, acredita-se que por meio dessa rede a construção do conhecimento

agroecológico poderá ser potencializada ao fomentar a sistematização/reflexão das experiências dos agricultores e ao introduzir a metodologia “*camponês a camponês*” (HOLT-GIMÉNEZ, 2008). Tal método é uma forma de compartilhar e construir conhecimento através de diálogos pautados na ação e na investigação dirigidas pelos sujeitos, objetivando fundamentalmente desenvolver uma pedagogia sustentada pela práxis camponesa.

A Rede Social de Aprendizado é, portanto, um importante instrumento para a construção da agroecologia no território Sul Sergipano. Assim como várias experiências de redes em agroecologia, ela tem criado ambientes de interação social fecundos para o aprendizado com base na experimentação prática e no intercâmbio de conhecimentos entre agricultores e destes com técnicos, assessores e pesquisadores (PETERSEN E ALMEIDA, 2008).

Outro entrave apontado pelos agricultores foi a aquisição de sementes e mudas para a implantação dos SAF's. Essa dificuldade, pode ser analisada em conjunto com outra questão apontada, que é a falta de apoio de instituições e órgãos de pesquisa e extensão.

De fato, são necessárias políticas públicas mais específicas para o desenvolvimento e implantação de agroflorestas no Brasil. Tais políticas deveriam ser realizadas em parcerias com as esferas nacionais, estaduais e municipais de governo, órgãos ambientais, entidades prestadoras de ATER, universidades, colegiados de territórios, ONG's e movimentos sociais.

O acesso ao crédito, beneficiamento e comercialização são dificuldades comuns da agricultura familiar, porém, os agricultores entrevistados apontaram somente o crédito como entrave para a adoção da agrofloresta sucessional. Apenas um agricultor mencionou os demais aspectos estruturais. Este dado pode ser devido ao fato das experiências analisadas estarem em

estágio inicial de implantação, ficando as dificuldades como beneficiamento e comercialização para considerações posteriores.

O crédito rural para agricultura familiar, nos últimos anos, teve um aumento significativo no volume dos recursos do PRONAF, de dois bilhões de reais em 2003 para 16 bilhões em 2011, porém ainda muito distante do investimento na agricultura empresarial (PORRO, 2011).

Atualmente existem o PRONAF agroecologia e o PRONAF floresta que prevêm linhas de financiamento mais apropriadas e adaptadas para a realidade da agricultura familiar. Porém, o acesso a estes créditos é muito baixo, ou seja, na prática, o sistema de crédito rural não consegue atender a demanda das agroflorestas, pois os agentes financeiros e de extensão optam por projetos agrícolas convencionais pelas facilidades de elaboração, aplicação, aprovação e acompanhamento dos mesmos.

Das barreiras identificadas pelos agricultores, a assistência técnica e extensão rural foram apontadas como um dos principais entraves para a difusão e adoção das agroflorestas. A partir de 1990, a extensão rural passou por um processo de desmonte e, aos poucos, as empresas estatais que prestavam tais serviços deixaram de receber os recursos necessários para sua execução. A partir desse período iniciou-se a assistência técnica tercerizada, por meio de editais e chamadas públicas, que contratam entidades privadas e ONG's para atender os agricultores familiares.

Neste cenário, a extensão rural perdeu um elemento central, a continuidade, pois os períodos entre o término de um contrato e o início de outro são praticamente paralisados por trâmites e procedimentos burocráticos, que vão desde a liberação do orçamento, o empenho, a licitação, até a contratação dos serviços que chegam a demorar anos para serem retomados. Além disso, depois de contratados os serviços, não são raros os problemas e dificuldades na execução, como o

pagamento regular dos salários, renovações ou acompanhamento das ações.

A assistência técnica e extensão rural (ATER), a partir de 1990, têm sido vista como ônus ao orçamento público no Brasil e não como investimento em estratégia de desenvolvimento rural. (CAPORAL, 2006).

Foi nesse contexto, que os agricultores identificaram a assistência técnica como um entrave para a difusão e adoção das agroflorestas sucessionais, salientando dois aspectos: i) pouco acesso a este benefício e ii) assistência técnica inadequada para difundir a agroflorestas. Na maioria das vezes os extensionistas difundem e estimulam a produção nos moldes da revolução verde, seja na elaboração dos projetos de créditos financeiros, seja na orientação de manejo e implantação dos sistemas produtivos.

A discussão que parece central é a forma de socializar estilos de produção de base ecológica. Esse é o contra-ponto da revolução verde, a resistência camponesa, que se encontra viva, florescendo e frutificando em muitos locais onde existem experiências exitosas, resgatadas e enraizadas no cotidiano da agricultura familiar.

### Conclusões

O estudo da adoção da agrofloresta por agricultores familiares do território Sul Sergipano mostrou que esse estilo produtivo se adequa a realidade da região. Os agricultores que o adotaram possuem expectativas geradas pelos resultados iniciais de produção agrícola e de biomassa, nos quais já é possível identificar diferenças em relação aos plantios homogêneos como a cobertura do solo e aos aspectos visuais relacionados ao vigor das plantas.

Os agricultores, quando questionados sobre os benefícios dos SAF's são bastante confiantes e afirmam, baseados em suas experiências, que o SAF recupera o solo, as áreas produtivas

degradadas, gera renda e tem boa produtividade.

Os entraves elencados pelos agricultores reforçam a estratégia de trabalhar as metodologias agroecológicas e os sistemas agroflorestais sucessionais na perspectiva territorial. Pois, nesse ambiente de encontro entre os atores do desenvolvimento, de horizontalização das decisões e de articulação das políticas públicas, socializam-se as experiências exitosas, divulgam-se as já consolidadas e levantam-se as demandas de trabalho. Dessa forma é possível direcionar políticas públicas e apoio institucional, por meio de parcerias entre universidades, empresas de pesquisa e extensão, governos na esfera federal, estadual e municipal, Embrapa, Sebrae, Incra, enfim, os diversos atores que atuam naquele território.

A assistência técnica inadequada foi o maior entrave a adoção do SAF identificado pelos agricultores. Os próprios entrevistados sugeriram formas e métodos para adequação dos trabalhos em extensão, inserindo e internalizando os princípios agroecológicos na prática dos extensionistas, como o diálogo, a valorização do conhecimento do agricultor, a educação popular, e o empoderamento dos agricultores.

Nesse sentido, os intercâmbios de "camponês a camponês", em redes de agricultores, mostram-se como instrumento interessante que partilha os saberes populares, horizontaliza os conhecimentos, socializa as experiências exitosas e poderá potencializar a construção do conhecimento agroecológico, contribuindo para a socialização dos sistemas agroflorestais sucessionais.

### Referências Bibliográficas

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável: Perspectivas para uma Nova Extensão Rural. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan/março 2001.



- CAPORAL, Francisco Roberto. Política Nacional de ATER: primeiros passos de sua implementação e alguns obstáculos e desafios a serem enfrentados. In: TAVARES, J; RAMOS, L. **Assistência técnica e extensão rural: construindo o conhecimento agroecológico**. 1. ed. Manaus: IDAM/MDA, 2006. p. 128.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**, 1. ed. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2007. p. 24.
- GOMES, J.B.V; SOBRAL, L.F; MORAES, A.C. Solos e potencial de uso agrícola das terras do território rural Centro-Sul de Sergipe. In: SIQUEIRA, E.R et al. **O território rural centro-sul de Sergipe**. 1.ed. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2010. p. 130-173.
- GÖTSCH, E. **Break-through in agriculture**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1995a. 22p.
- GÖTSCH, E. **Homem e natureza, cultura na agricultura**. Recife: Centro Sabiá, 1995b. 12p.
- HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Campesino a Campesino: Voces de Latino América, movimiento campesino a campesino para La agricultura sustentable**. Managua, 2008.
- PETERSEN, Paulo & ALMEIDA, Edinei de. Revendo o conceito de fertilidade: Conversão ecológica do sistema de manejo dos solos na região do Contestado. **Revista Agriculturas**, v. 5, nº 3, 2008. P. 16-23.
- PORRO, R et al. **Políticas públicas para o desenvolvimento agroflorestal no Brasil**. 1. ed. Belém: ICRAF, 2011. p. 69.
- SIQUEIRA, Edmar Ramos; BOLFE, Édson Luis; COSTA, Jefferson L S; BOLFE, Ana Paula Fraga. Recuperação de Áreas degradadas na região de mata atlântica de Sergipe por meio de Sistemas Agroflorestais. **Agrossilvicultura (Viçosa)**, v. 2, p. 15-20, 2005.
- SIQUEIRA, Edmar Ramos et al. Agrofloresta sucessional como na recuperação de áreas degradadas nos tabuleiros costeiros do Nordeste do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 8, 2011, Belém. **Anais do VIII Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais**. Belém: UFPA, 2011.